# “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres[11]: movimentos de mulheres em marcha nas mídias”

**Keyla de Nazaré Gusmão Negrão**
**Lucas Porto dos Santos**
**Atácia dos Santos Freitas**
Estácio de Sá – FAP- Pólo Belém do Pará

## RESUMO EXPANDIDO

**Resumo:** Esse trabalho visa organizar vozes do movimento de mulheres que atuam em Belém do Pará, ressaltando as necessidades de suas práticas sociais, que configuram resistência, e hoje, articulam as possibilidades de comunicação, mídias sociais e tradicionais, como estratégias de interação com a sociedade.

> Hoje vivemos o auge do feminismo. Mulheres que tinham dificuldades de se locomover, que tinham demandas domésticas com filhos, famílias, hoje, por meio de redes alternativas sociais de comunicação, podem de algum modo participar, opinar, interagir, circular ideias, ações, denúncias. O movimento feminista encampou várias campanhas na internet, como por exemplo: #meuprimeiroassédio;#eu empregadadoméstica;#eunãomereçoserestuprada e outras, e sobretudo, a campanha para massificar o uso do aplicativo 180 fases para denúncias de violência contra mulheres. (OLIVEIRA, 2016)

Tatiana Oliveira, bancária, militante do movimento feminista, Marcha Mundial das Mulheres, um coletivo de mulheres criado em 1995, no Canadá, Quebec, quando 850 mulheres marcharam 200 quilômetros, pedindo simbolicamente, pão e rosas. Depois disso, muitas pautas das mulheres foram conquistadas, como o salário mínimo. No Brasil, o movimento se articulou, a partir de coletivos de mulheres da CUT.

A cada 5 anos a MMM realiza uma ação internacional, com debates políticos itinerantes, atravessando várias cidades, como a caminhada de 2010 à beira da rodovia em São Paulo, que tinha paradas estratégicas para conversar com as mulheres das comunidades. Em 2013, no auge de movimentos de mobilização de rua, a MMM criou o coletivo de mulheres comunicadoras, porque como diz Tatiana Oliveira “a comunicação sempre foi uma preocupação da Marcha, para registrar ações, criar circuitos de exibição, articular os coletivos, ações municipais”.

Esse trabalho busca discutir como esses movimentos de mulheres pensam os desafios da pauta feminista, a partir da comunicação, como espaço de interação e de fomento de lutas. Como as mídias podem articular as pautas das mulheres num novo contexto do feminismo e das mídias? Um cenário, como dizem as militantes da Marcha,

[11] Slogan do Movimento da Marcha Mundial de Mulheres.

no auge do feminismo, após 100 anos de lutas, nunca houve movimento social com mais conquistas que o movimento mulheres.

Uma inserção específica das pautas feministas está relacionada à organização das mulheres negras. Em Belém do Pará, a Casa Preta surgiu do encontro de quatro jovens negros do estado do Pará em 2008, jovens esses que não são paraenses. O fundador da Casa Don Perna veio para trabalhar no Pará com inclusão Digital através do Programa do Ministério da Comunicação. O apelido Casa dos Pretos passou a ser Coletivo Casa Preta com sonho de criar uma casa de cultura com membros, principalmente de maioria negra e periférica, além de dar importância ao matriarcado a ser recuperado dentro das falas e ações de cultura dentro de quilombos urbanos . Dessa perspectiva, mulheres do coletivo que se tornaram maioria na Casa falam:

> O gênero mulher tem uma luta diária, uma pirâmide, que se desenha hierarquicamente, pela figura do homem branco, mulher branco, homem negro e mulher negra. Como lidar com isso? Estamos abertas e dispostas a diálogos com a sociedade, resistindo, mesmo que para algumas classes ou gêneros isso pareça uma afronta. (VANESSA,

Francilene Saillant (2016) discute essa questão do fato de algumas minorias sofrerem discriminação sistemática. No caso Brasil, mais de 95 milhões de negros, mas as questões de direito são propagadas como questão de dívida histórica, uma questão em constante debate na sociedade da informação. Sobre essa perspectiva de visibilidade das minorias, a autora afirma:

> "O caso dos indígenas e dos afrodescendentes das Américas foi vinculado à colonização e à escravidão parecem ser os mais evidentes. Esta condição de povo minorizado não impediu que esses povos elaborassem uma cultura, uma identidade e uma memória própria". (SAILLANT, 2016: 23)

Nossa perspectiva de trabalho é pensar, investigar como as mídias podem ser articuladas como instrumentos de construção dessa memória, de uma plataforma de direitos, que hoje possa empoderar as mulheres na comunicação, para construir um acervo de histórias do movimento.

Essa questão de *empoderamento* é também um debate de linguagem que traz algumas contradições de comunicação, como afirma Tatiana Oliveira: "o tema empoderamento tem se tornado problemático e agregado alguns estereótipos dentro do próprio movimento feminista, embora tenha sido os movimentos de mulheres que popularizaram o termo empoderamento".

A Marcha Mundial de Mulheres criou desde 2013 o coletivo de mulheres comunicadoras, e como afirma Liliane Nascimento, "essa frente de ação do coletivo visa além de divulgar as ações do movimento, poder elaborar ideias, opiniões, posturas que ajudem as mulheres a tomar posição em relação ao patriarcado e ao capitalismo".

A Casa Preta tem vários projetos, um deles é “As negras no poder”, constituído por 13 mulheres, que se articulam através de um grupo nas redes sociais, Facebook. Essas mídias são apropriadas para elas articularem reuniões, encontros, eventos, e se mantêm conectadas diariamente.

Nossa discussão atravessa o movimento feminista, mas fazemos um recorte estratégico no século XXI, a partir dos usos de ferramentas de mídias, que deslocam o lugar dos entes sociais para indivíduos e movimentos organizados dentro de uma nova lógica produção de informação. E um dos territórios mais explorados desse recorte são as mulheres: sua história, seu corpo, seus modos de expressar a experiência das mulheres, modos de vida, etc.

## Referências

RABELO DE ALMEIDA, Juniele (org.). História Oral e movimento social. São Paulo: Letra e voz, 2016.

MATTOS, Hebe (org.) História Oral e Comunidade – reparações e culturas negras. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

JORGE FORBES, MIGUEL REALE JÚNIOR, TÉRCIO SAMPAIO FERRAZ JÚNIOR (orgs.). A invenção do futuro. Rio de Janeiro: Editora Manole, 2005.

## Sites

www.marchamundialdasmulheres.org.br

https://movimento**casapreta**.wordpress.com/sobre